

POESIA INDÍGENA NA SALA DE AULA: PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO MÉDIO.

Kaio César Pinheiro da Silva¹

RESUMO:

A formação leitora vem sendo objeto de várias pesquisas acadêmicas nos programas de pós-graduação, especialmente no que concerne à formação do leitor literário. Originada na área de ensino de literatura, são discutidas várias questões relacionadas a metodologias, métodos e formas de proporcionar uma didática adequada que promova o desenvolvimento literário no ensino básico. A partir de reflexões sobre o ensino de literatura, direcionamos nossos estudos para a formação do leitor literário de poesia indígena. Contando com uma pesquisa de cunho bibliográfico, de caráter qualitativo, referente aos estudos sobre o ensino de literatura a fim de apresentar uma proposta didática, temos como objetivo fomentar a leitura de poesia, de e por indígenas, na formação social de alunos do ensino médio, destrinchando-se em objetivos específicos de i. proporcionar a formação leitora de poesias em aulas de Literatura Brasileira (LB), ii. divulgar e fomentar a leitura de poesia indígenas, iii. propor um plano de aula para a disciplina de LB com foco na poesia indígena. A fim de cumprir com os objetivos propostos, direcionamos nossos estudos juntamente com as contribuições de Candido (2012) com o texto *Direito à Literatura*, de Cosson (2021) com a formação de círculo de leitura na sala de aula, base para a construção da proposta de plano de aula, *O letramento literário: teoria e prática e os paradigmas do ensino da literatura* (Cosson, 2021), assim como as contribuições de Almeida (2014) com a literatura e ensino, Potiguara (2018) com seu poema *Identidade Indígena*, pertencente à obra *Metade cara, metade máscara* e entre outros estudos teóricos que serviram como pilar para a construção desta proposta didática. Buscando alcançar os objetivos propostos, como forma de propor uma prática de ensino de literatura, formação leitora de poesia indígena² nas aulas de literatura brasileira, incluindo e mostrando a possibilidade de levar a poesia de autoria indígena para as aulas de literatura brasileira. Adotando uma postura de desenvolver um estudo teórico a fim de propor um plano de aula como possibilidade de levar a poesia indígena para a sala de aula de literatura no ensino médio, contando com o apoio discursivo sobre o ensino de literatura, lançando como projeções futuras a possibilidade de prática do plano de aula construído por base as discussões de Cosson (2021).

Palavras – chave: Proposta Didática. Poesia Indígena. Ensino de Literatura. Formação Leitora. Didática no Ensino de Literatura.

INTRODUÇÃO

O ensino de literatura é uma temática bastante discutida no âmbito acadêmico, principalmente por pesquisadores de Literatura e Ensino nos programas de pós-graduação, abordando questões como o espaço da literatura na sala de aula, como o texto literário é

¹ Professor Substituto do Curso de Letras Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campus I – Campina Grande. Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG profkaioczar@gmail.com;

² De autoria indígena.

tratado e entre outras. Levando em consideração a organização do currículo escolar das escolas brasileiras, direcionando nosso objeto para as escolas públicas e privadas do estado da Paraíba, vemos que há uma distinção de como é estruturada a disciplina de língua portuguesa, sendo que em na maioria das vezes a disciplina conta com 5 a 6 aulas semanais por turma, e o professor organiza a forma de trabalhar com as diversas incumbências do ensino de língua portuguesa que nela estão inseridas, como a produção textual, gramática, literatura. Essa primeira descrição é percebida em uma instituição de ensino pública, já em escolas privadas, em sua grande maioria³, encontramos uma divisão dessas aulas de acordo com seus vários campos. Sendo, portanto, x quantidade de aulas para gramática, outra para produção textual e outra para estudos literários. Fazendo essa pequena observação, de forma geral, perceptiva. Levantamos a seguinte questão, independente dessa organização do currículo e estruturação das aulas de língua portuguesa, a literatura indígena se faz presente nos itinerários de leitura em sala de aula, especificamente a poesia? A partir dessas reflexões iniciais, levantamos algumas das possíveis justificativas utilizadas pelos professores em não levar o texto literário indígena para a sala de aula. Tais como; “não tivemos contato com a poesia, produção literária indígena ao longo da nossa formação” “não sei como trabalhar gramática com a poesia” e entre várias outras indagações.

Diante do apresentado e sabendo que por muitas vezes o texto literário, de modo geral, não é se quer mencionado, usando da escusa de não saber como abordar o texto literário, de não está incluso no planejamento da disciplina, que não vir explícito no livro didático, quando se tem esse material. A partir de tais apontamentos, percepções, apresentamos como objetivos dessa pesquisa fomentar a leitura de poesia de e por indígenas na formação social de alunos do ensino médio, destrinchando-se em objetivos específicos de i. Proporcionar a formação leitora de poesias em aulas de Literatura Brasileira (LB), ii. Divulgar e fomentar a leitura de poesia indígenas, iii. Construir um plano de aula para a disciplina de LB com foco na poesia indígena. A fim de construir e laçar uma proposta didática, por meio de um plano de aula para a disciplina de literatura brasileira, destinada a uma turma do primeiro ano do ensino médio. Fundamentando-nos nas contribuições de Cosson (2021) sobre a formação de círculos de leitura e letramento literário: teoria e prática na construção dessa proposta leitura literária da poesia indígena, como forma de repensar o texto literário quando a perspectiva decolonial por Walsh (2019) e as contribuições de Candido (2012) sobre o direito a literatura como pontos a

³ As informações acerca de como estava organizada a disciplina de língua portuguesa se dá a partir de observações ao longo da minha formação na educação básica, a qual passei por instituições de ensino público e privada até a conclusão do ensino básico.

serem percorridos reflexivamente ao passo que apresentamos o plano de aula proposto, provando que é possível trazer o texto literário para a sala de aula, com ênfase a poesia indígena de Eliane Potiguara, com destaque ao poema *Identidade indígena*.

Para tanto, o presente trabalho está organizado nas seguintes seções: apresentaremos uma breve discussão sobre o direito à literatura proposta por Candido (2012), seguida pela apresentação e discussão do plano de aula em questão e como poderá ser aplicado sob as orientações de Cosson (2021) em formação de círculo de leitura e letramento literário, culminando em algumas considerações sobre a realização desse trabalho e os possíveis resultados esperados aos que se proponham tomá-lo como ponto de partida para levar a poesia indígena no ensino de literatura.

METODOLOGIA

O campo de ensino de literatura vem se expandindo significativamente, discutindo questões como os desafios e possibilidades sobre o espaço da literatura na sala de aula, indo desde a abrangência das funções da literatura, assim como a relação dos estudantes com a leitura, com questões culturais e consigo mesmo. Diante dos inúmeros desafios do ensino de literatura, encontramos questões como o distanciamento da realidade, quando é ensinada de forma descontextualizada, direcionada para o ensino de um conjunto de regras e análises, distanciando-se das experiências e interesses dos estudantes. Assim como a falta de interesse, o uso de métodos tradicionais e a grande diversidade de obras literárias.

A partir das questões que norteiam o ensino de literatura, objetivamos fomentar a leitura de poesia de e por indígenas na formação social de alunos do ensino médio, buscando alcançar especificamente i. Proporcionar a formação leitora de poesias em aulas de Literatura Brasileira (LB), ii. Divulgar e fomentar a leitura de poesia indígenas, iii. Construir um plano de aula para a disciplina de LB com foco na poesia indígena. Diante destas objetivações contamos com uma pesquisa de cunho bibliográfico, de caráter qualitativo, referente aos estudos sobre o ensino de literatura a fim de apresentar uma proposta didática.

O procedimento metodológico de bases bibliográficas se caracteriza por ser um tipo de investigação na análise de fontes já publicadas, como livros, artigos, teses e outros documentos. Como apresentado por Zanella (2013)

[...] uso exclusivo de fontes bibliográficas. A principal vantagem é permitir ao pesquisador a cobertura mais ampla do que se fosse pesquisar diretamente; é relevante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos. Exemplo: Estudos históricos. Procura-se cotejar dados e

informações para detectar possíveis incoerências ou contradições. (Zanella, 2013, p. 36)

Como apresentado por Zanella (2013), contamos com a utilização de materiais já existentes, produções acadêmicas que discutem questões sobre a importância do ensino de literatura, sobretudo o direito à literatura de Candido (2016), a fim de refletir sobre o impacto positivo de se ensinar literatura, direcionando essas colocações ao ensino de poesia e de autoria indígena. Além das contribuições de Cosson (2021) sobre a formação do círculo de leitura na sala de aula, direcionando-o a pesquisa, a partir de discussões sobre tais pontos a elaboração de um plano de aula que demonstre como é possível levar a poesia indígena, no caso específico o poema de Eliane Potiguara *Identidade indígena*, como texto literário a ser levado para a sala de aula, demonstrando a natureza aplicável da presente pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO: Direito Literário - Acesso a Leitura

Quando o quesito é ensino, pressupomos um conjunto de ações que possibilite o acesso à informação, conhecimento crítico-reflexivo voltados para a formação humana, e a literatura como uma arte que engloba todas essas contribuições e mais na formação cidadã. Partindo desse pressuposto, vemos que esse direito de acesso ao conhecimento crítico-reflexivo é negado quando não há o ensino de literatura, quando não lhe é ofertado. Logo a

“[...] literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. (CANDIDO, 2012, p. 07)

Como abordado por Candido (2012) a literatura não assume, portanto, unicamente o caráter de direito universal, mas uma necessidade social a fim de nos libertar do caos, humanizando-nos e completando os espaços que configuram a existência do ser humano, um ser incompleto e que busca incessantemente a completude desses ‘vazios’. Portanto, frisamos que, o caráter humanizador da literatura proporciona a melhor formação para os estudantes. Dentre isso Candido (2012) apresenta que

A função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório, mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório). Analisando-a, podemos distinguir pelo menos três faces: (1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma

forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente. (CANDIDO, 2012, p. 20)

Ao mencionar o fato de ser contraditório, o autor, apresenta três faces sobre a função da literatura e baseada em tais características que nortearão o desenvolvimento dos objetivos deste trabalho, em consonância com as estratégias de leituras apresentadas por Rildo Cosson (2021) em seu livro sobre a formação de círculo de leituras, focada principalmente no ponto dois, quanto à forma de expressão referente à manifestação de emoções e a visão do mundo do indivíduo e dos grupos.

Diante do discorrido no decorrer dessa seção, Candido (2012) indaga que a literatura e os direitos humanos pode ser visto por diferentes ângulos, logo conclui que “[...]a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. [...]” (CANDIDO, 2012, p. 30) partindo do ponto que ao “[...] Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. [...]”(CANDIDO, 2012, p. 30). Assumindo, nesse segundo momento a “[...] a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, mutilação espiritual. [...]” (CANDIDO, 2012, p. 30) Mesmo de acordo com as visões apresentadas pelo autor, vemos, portanto, a relação existente entre a literatura e os direitos humanos.

A partir das reflexões apresentadas sobre a literatura como o direito humano e a importância do seu acesso pelos estudantes, Candido (2012) conclui que

[...] a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura. A distinção entre cultura popular e cultura erudita não deve servir para justificar e manter uma separação iníqua, como se do ponto de vista cultural a sociedade fosse dividida em esferas incomunicáveis, dando lugar a dois tipos incomunicáveis de fruidores. Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável. (CANDIDO, 2012, p. 35)

No que toca a luta pelos direitos humanos, a literatura se torna um caminho a conquistas desses direitos ao acesso aos diferentes níveis de cultura como forma de ajudar no crescimento individual e coletivo do ser na busca por alcançar o conhecimento inalienável. A partir das características apresentadas e discutidas no decorrer dessa seção, tomando por base as discussões apresentadas por Candido (2012). Diante disso, tomamos como produto para

construção da proposta didática para uma aula de literatura brasileira, com público alvo o primeiro ano do ensino médio, o poema *Identidade indígena* de Eliane Potiguara a fim de exemplificar como trabalhar com o texto literário em sala de aula, com ênfase na produção literária indígena.

A partir dessas considerações, discorreremos sobre estratégias de leitura e como utilizaremos essas discussões para explicar, justificar a escolha e elaboração do plano de aula que será apresentado e discutido.

CÍRCULO DE LEITURA E LETRAMENTO LITERÁRIO.

Ao tratar do ensino de literatura, como discutido, nos deparamos com diversos questionamentos e estudos desenvolvidos sobre o trabalho com o texto literário em sala de aula. Levando em consideração o decorrido no decorrer das seções anteriores, selecionamos o poema de Eliane Potiguara, *Identidade Indígena*, como texto literário a ser foco de estudo na proposição de aulas da fase do romantismo, com ênfase no indianismo⁴, trazendo e propondo a leitura de obras e autores indígenas como forma de promover o acesso as diferentes culturas, como pontuada por Candido (2012).

Diante de tais abordagens, tomamos como base para construção da propositura do plano de aula em questão através das estratégias de leituras elabora por Cosson (2021) em seu livro *Como criar círculos de leitura na sala de aula*, além de suas construções acerca do letramento literário. A partir dessas abordagens organizaremos nossas discussões acerca da leitura, baseadas nas três etapas apresentadas por Cosson na construção do plano de aula que será apresentado. Mas primeiramente discorreremos sobre algumas reflexões apresentadas pelo autor no que diz respeito do caminho que existe entre a leitura e o diálogo, sendo apresentada como forma, primeira, de entender os diversos conceitos de leitura, o qual o autor enumera quatro visões sobre, e aqui, ressaltamos a visão dois, a qual traz a leitura como “[...] produto de atividades culturais, econômicas e políticas em um espaço e tempo determinados [...]” (COSSON, 2021, p. 13) tomando como ponto de partida para iniciar nossas discussões e assim ressaltando nosso intuito de haver selecionado o poema da poetisa e escritora indígena Eliane Potiguara como forma de promover o produto cultural indígena e compartilhar o direito à literatura, pela diversidade cultural apresentado por Candido.

⁴ Primeira geração do romantismo.

A partir desse conceito selecionado em meio aos inúmeros apresentados por Cosson, retomamos ao caráter cultural e histórico da literatura, o qual conversa com o caráter historiográfico da leitura, onde o autor, Cosson (2021), aponta que

[...] toda leitura é uma conversa com o passado, tanto no sentido de o texto preexistir materialmente ao leitor, quanto no sentido de que leio a experiência e o conhecimento produzidos antes do ato de ler. Essa conversa é, essencialmente, uma personificação do passado, pois ao ler trago para o presente ou trono presente o passado que está no texto. A leitura é, portanto, uma espécie de atualização em que o texto do passado passa a ser do presente, mantendo paradoxalmente ambas as posições, ou seja, o texto é do passado, mas, porque o li, ele também passa a ser do meu presente. (COSSON, 2021, p. 15)

Ao tratar a leitura como um ato atemporal que situa o passado no presente, tem como concomitância com o caráter da literatura, como sendo uma produção que transpõe as barreiras do tempo, denunciando, informando, tocando sentidos e sentimentos, uma arte que está além das palavras. Por esse motivo, direcionado, justificamos a seleção do poema da poetisa Eliane Potiguara como forma de resgatar, informar, tocar e revisitar a história do nosso país, no que se refere à colonização, sob a visão do real protagonista da história nacional. Em outras palavras, segundo Cosson (2021, p. 15) “[...] a leitura é um diálogo que se faz com o passado, representado pelos textos, em um contexto socialmente determinado [...]”.

No que se refere a ler, leitura, automaticamente associamos essa ação à escola, o qual estabelece uma relação em que o ato de ler e a instituição, escola, é a ser o espaço em que se torna público o diálogo, como traz Cosson (2021, p. 19) “[...] ler na escola é exercitar publicamente o diálogo da leitura”. Para isso, levando em consideração a proposta de leitura do poema mencionado, buscaremos estabelecer, de acordo com o plano de aula a ser apresentada na próxima seção, uma leitura compartilhada no ambiente escolar, como ponto de partida para desenvolver e estabelecer o diálogo como ponto de partida o poema *Identidade indígena*. A partir desse momento, Cosson (2021) aponta que “[...] compartilhar o texto e a leitura dele, seja o professor com os alunos, seja os alunos com o professor, seja os alunos com os colegas, seja o professor e os alunos com outros externos à turma”. (p. 20) Ou seja, a atividade de leitura compartilhada em que haja a interação entre leitor – texto – autor – contexto, estabelecendo uma conexão entre os elementos envolvidos na construção do círculo de leitura.

Tratando do modo de compartilhar o texto literário em um círculo de leitura na escola, temos “[...] o círculo de leitura ocupa uma posição privilegiada pelos benefícios que oferece

tanto ao aprendizado da leitura quanto ao desenvolvimento integral do aluno como cidadão”. (COSSON, 2021, p. 23) estabelecendo, assim, a relação entre o círculo de leitura e a escola, e esse funcionamento do círculo depende do envolvimento do leitor com o texto, proporcionando com a forma com que é lido e compartilhado. Como apresenta Cosson (2021) sobre o funcionamento do círculo. “[...] o funcionamento de um círculo de leitura demanda um intenso envolvimento do leitor com o texto, o que o leva a uma aprendizagem ativa dos mecanismos e convenções da escrita e a uma maior consciência de ser leitor”. (p. 23).

Para melhor explicar o desenvolvimento das atividades executadas na formação de um círculo de leitura, Cosson, explica melhor como são desenvolvidas as atividades em grupo. O autor pontua que

[...] a maioria das atividades são desenvolvidas em grupos se renovam periodicamente, os alunos estreitam os laços de solidariedade com todos os colegas da turma, que passa a atuar como uma verdadeira comunidade de leitores, em um movimento de aprendizagem colaborativa. Nesses grupos, os alunos precisam se organizar para efetuarem as discussões sobre o texto lido. Com isso, tornam-se protagonistas de sua própria aprendizagem e desenvolvem habilidades de tomada de decisões e resolução de problemas, que são fundamentais em todo o percurso escolar e também fora da escola. (COSSON, 2021, p. 24).

A partir da explanação apresentada por Cosson na construção do círculo de leitura enquanto atividade escolar. Conceituaremos, de acordo com suas observações, o que vem a ser um círculo de leitura e logo mais as principais características acerca das três etapas apontadas pelo autor em sua constituição dessa estratégia de leitura compartilhada. Tendo em mente o ponto a ser tratado, temos o círculo de leitura como uma “[...] reunião de um grupo de pessoas para discutir um texto, para compartilhar a leitura de forma mais ou menos sistemática”. (COSSON, 2021, p. 29). Configurando, assim, aspectos mínimos que caracterizariam um círculo de leitura.

Para que o círculo de leitura possa atuar de forma eficaz, se faz necessário adequar às necessidades da turma, grupo, na escola, de acordo com os níveis de leitura, competências, como pontua Cosson (2021, p. 31), literária que o aluno precisa desenvolver naquele momento, dentro da sua trajetória na formação de leitor literário.

Como proposto nos objetivos deste trabalho, buscamos, aqui, após reflexões sobre o direito a literatura e inspirada nas estratégias de Cosson na construção dessa proposta didática, plano de aula, que tomamos como texto literário o poema de Eliane Potiguara, *Identidade indígena*, na formação de um círculo de leitura na sala de aula de literatura brasileira (LB). Para tanto, aqui, apresentamos a seguir o plano de aula, que será apresentado paulatinamente,

de acordo com as três etapas propostas para realização do círculo de leitura. Para que melhor fique esclarecido, Cosson divide a formação do círculo de leitura em três etapas: modelagem, prática e avaliação, as quais o autor define como:

Modelagem é “[...] a atividade essencialmente centrada no professor, que apresenta o círculo de leitura e prepara os alunos para participarem dele produtivamente”. (COSSON, 2021, p. 35);

Prática é a atividade que passa a “[...] ser dos alunos que leem o livro todo ou um trecho em casa, preparam questões e debatem a obra em grupos na sala de aula, cabendo ao professor apenas o acompanhamento atento das discussões nos grupos”. (COSSON, 2021, p. 35).

Avaliação, por sua vez, professor e alunos compartilham a responsabilidade de verificar rendimentos e avançar na consolidação do círculo de leitura como atividade formativa, seja por meio da observação da discussão e da análise das anotações, no caso do professor; seja por meio de formulário de autoavaliação e avaliação oral coletiva, no caso dos alunos. (COSSON, 2021, p. 36).

A partir das conceitualizações aqui apresentadas, ressaltamos, baseados nas discussões apresentadas por Cosson (2021), que a ordem das duas últimas etapas pode ser modificada de acordo com o desenvolvimento da proposta do círculo de leitura e do grupo ao qual está sendo aplicado. Diante disso, apresentamos na sequência o plano de aula construído de acordo com os estudos teóricos aqui propostos para a realização dessa proposta didática para o primeiro ano do ensino médio.

RESULTADOS E DISCUSSÕES: Proposta Didática com o Poema de Eliane Potiguara: Identidade Indígena.

O plano de aula aqui apresentado estará organizado de forma a seguir as três etapas apresentadas nas estratégias de Cosson (2021) para formação do círculo de leitura. Sendo apresentado do seguinte modo.

Professor:	
Componente curricular:	Literatura brasileira
Carga horária:	Duas horas aula
Série:	1º ano do Ensino Médio
PLANO DE AULA	
O presente plano de aula está estruturado de forma a propor o ensino de literatura por meio da poesia indígena de Eliane Potiguara no primeiro ano do ensino médio. Fomentando a formação do círculo leitor, formação leitora.	
OBJETIVOS	
Fomentar a leitura de poesia de e por indígenas na formação social de alunos do ensino médio	
i. Proporcionar a formação leitora de poesias em aulas de Literatura Brasileira (LB);	
ii. Divulgar e fomentar a leitura de poesia indígena.	
MATERIAIS DIDÁTICOS	
Cópias do poema de Identidade indígena de Eliane Potiguara.	
CONTEÚDOS	
Poema - Identidade indígena.	
COMPETÊNCIA E HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS	
Leitura e compreensão textual do poema de Eliane Potiguara.	

Figura 1 Parte da apresentação do plano de aula construído tomando por base as etapas das estratégias de leitura propostos por Cosson (2021).

Nesse primeiro momento, apresentamos informações iniciais sobre a turma, público alvo, componente curricular e a duração da aula, tendo em vista que a preparação para a realização do círculo de leitura se dá desde aulas anteriores, desde aulas de histórias, em acordo com os conteúdos da disciplina de história, assumindo, portando, uma característica inter e transdisciplinar a fim de que os alunos possam associar a conexão entre as disciplinas e, contudo a importância do texto literário na multiplicidade de vozes presentes em revisitar a história do país.

Nas subseções seguintes, encontramos a apresentação da proposta, pequena introdução acerca das aulas, visto que está pensada para serem duas horas de aula, seguidas do objetivo geral e os objetivos específicos, especificado por duas indicações. Logo indicamos os materiais utilizados, cópias do poema a ser trabalhados, *Identidade indígena*, e um resumo das competências e habilidades linguísticas que esperamos desenvolver com o cumprimento do plano proposto.

MODELAGEM
<p>Ao selecionar o poema da autora, poetisa Eliane Potiguara, Identidade indígena, presente no livro <i>Metade cara, metade máscara</i>. Proposta baseada na estratégia de leitura proposta por Cosson (2021) as seguintes ações:</p> <ol style="list-style-type: none"> a. Eleição e distribuição de cópias do poema: Identidade Indígena; b. Organização do grupo em círculo; c. E uma pequena contação¹ de história acerca da história do Brasil, principalmente ao período que corresponde ao período de colonização e as relação entre colonizador e colonizado;
PRÁTICA
<p>Nesse momento, contaremos primeiramente com dois momentos, intercalado com um conjunto de perguntas norteadoras que levarão a discussão:</p> <ol style="list-style-type: none"> a. Primeiro momento uma leitura individual; Apresentamos perguntas norteadoras como: Qual a temática do poema? O que a autora apresenta no decorrer dos versos? b. Leitura coletiva, compartilhada e comentada de acordo com a base histórica que foi apresentada em aulas e momentos anteriores a classe foco onde o poema é apreciado.
AVALIAÇÃO
<p>Nesse momento, caracterizado por uma avaliação formativa, contínua, propõe-se que haja uma retrospectiva do que foi debatido, propondo uma investigação, em duplas, sobre a autora e suas obras a fim de que possam levar para as aulas seguintes, compartilhando mais sobre a vida e obra, trazendo, por parte dos alunos, novos poemas que possam ser apreciado durante as aulas.</p>
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
<p>Potiguara, Eliane. Identidade Indígena. In.: <i>Metade cara, metade máscara</i>. Rio de Janeiro, RJ – 3ª edição – Grumin, 2018. 160 pp.</p>

Figura 2 Segunda parte do plano de aula em que está demonstrada as três etapas apresentadas por Cosson (2021) em suas estratégias de leitura, formação do círculo de leitura.

Como demonstrado no recorte apresentado, dividimos e estruturamos o plano de aula de acordo com as etapas de estratégia de leitura, na formação do círculo de leitura proposto por Cosson (2021), a forma de assumir o caráter de um pequeno roteiro de aula, descrevendo e detalhando como se desenvolverá a aula com tendo a apreciação do poema de Eliane Potiguara como leitura poética e como exercício do direito humano de leitura e acesso a multiplicidade cultural.

O desenvolvimento da presente proposta de aula de literatura demonstra a possibilidade de levar o texto literário indígena para as aulas de literatura brasileira, abrindo caminhos, possibilidades de acesso a produções que compõe a história do país e marca o acesso à diversidade histórica, de vozes ao passo que necessitamos revisitar, recontar a história do nosso país, tornando, assim o ensino, de modo geral, cheio de significados, sentidos para nossos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões realizadas no decorrer do trabalho, buscamos refletir sobre a formação leitora, sobretudo, a formação leitora como forma de trazer a diversidade literária, produção literária, poética, indígena, ao alcance dos nossos estudantes, exercitando o direito de acesso à literatura, a diversidade cultural, ao contato com diversos mundos. Direcionada pelos objetivos de fomentar a leitura de poesia de e por indígenas na formação social de alunos do ensino médio, destringindo-se em objetivos específicos de i. Proporcionar a formação leitora de poesias em aulas de Literatura Brasileira, ii. Divulgar e fomentar a leitura de poesia indígenas, iii. Construir um plano de aula de Literatura Brasileira com foco na poesia indígena.

Para o desenvolvimento de tais pontos, contamos com uma pesquisa de cunho bibliográfico, fundamentada em uma proposta didática como reflexo das discussões acerca da formação do círculo de leitura proposto por Rildo Cosson, assim como a apreciação poética da produção literária indígena como forma de revisitar o passado, de recontar a história do Brasil. A partir de tais caracterizações, fundamentamos nossa investigação a partir das contribuições de Candido (2012) com o texto *Direito à Literatura*, demais das contribuições de Cosson (2021) com a formação de círculo de leitura na sala de aula, texto principal para construir o plano de aula de acordo com as etapas de formação. O letramento literário: teoria e prática e os paradigmas do ensino da literatura (COSSON, 2021) As contribuições de Almeida (2014) com a literatura e ensino, Potiguara (2018) com seu poema *Identidade Indígena*, pertencente à obra *Metade cara, metade máscara* e entre outras contribuições indiretas que constituem a multiplicidade de vozes que dialogam sobre a literatura e ensino, principalmente o que concerne à literatura em sala de aula.

Contudo, buscamos tecer reflexões sobre o ensino de literatura como direito humano concomitante impulsionamos o processo de descolonização da literatura a fim de que seja possível revisitar, recontar nossa história por meio das vozes que foram silenciadas no decorrer da ‘consolidação’ do Brasil enquanto nação. Trazendo outras perspectivas acerca da multiplicidade cultural existente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira de. LITERATURA E ENSINO: perspectivas metodológicas. **Rios Eletrônica- Revista Científica da Fasete**, Paulo Afonso, v. 8, n. 8, p. 1-14, 8 dez. 2014. Anual.

CANDIDO, Antonio (org.). *Direito à Literatura*. In: LIMA, Aldo de; TENÓRIO, Anco Márcio; CANDIDO, Antonio; YUNES, Eliana; COSSON, Graças Paulino/ Rildo; LAJOLO,

Marisa; SOUZA, Roberto Acízelo de; AGUIAR, Vera Teixeira de (org.). **O Direito à Literatura**. Recife: Ed Universitária da Ufpe, 2012. p. 1-160.

COSSON, Rildo. **Como Criar Círculos de Leitura na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2021. 128 p.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021. 135 p. 12ª reimpressão.

COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino de literatura**. São Paulo: Contexto, 2021. 224 p. 1ª reimpressão.

Potiguara, Eliane. **Identidade Indígena**. In.: Metade cara, metade máscara. Rio de Janeiro, RJ – 3ª edição – Grumin, 2018. 160 pp.

WALSH, Catherine. Interculturalidade e decolonialidade do poder um pensamento e posicionamento "outro" a partir da diferença colonial. **Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas (Ufpel)**, Pelotas, v. 05, n. 1, p. 6-38, jul. 2019. Semestral.